CUMA 21 ANOS: Celebre para viver! Viva para celebrar!

Sem Vida não há escritura!

Não há episteme

Nem academia

Ou fazer científico

Ao crer firmemente na vocação sensível do Núcleo de Pesquisas Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA) em seus anos de existência como um marco de fazer ciência na Amazônia paraense, com suas pesquisas, compartilhamentos, afetos e aprendizados, o presente volume da Revista Sentidos da Cultura celebra esta trajetória.

E, assim, os textos que ora apresentamos contam um tanto desta história, são rememorações, estudos, carta, depoimentos que bem ao modo do CUMA constituem-se presença-colaboração e parte essencial deste rito celebrativo.

De tal modo, abrimos a Revista com o relato da professora **Jessiléia Guimarães Eiró** que apresenta um breve registro histórico desde a criação do, primeiramente, Grupo de Pesquisa CUMA, até sua constituição como Núcleo de Pesquisa. De forma sensível, competente e generosa, a autora nos abrevia os instantes primaveris do CUMA e sua jornada até os dias de hoje, evidenciando os objetivos, trajetos estruturais, acadêmicos e epistêmicos deste Núcleo de Pesquisa que congrega em si tantos e potentes fazeres, em mais de duas décadas de existência.

Wellingson Valente dos Reis narra sua formação acadêmica junto ao CUMA, articulando memória oral de Belém, literatura amazônica e mediação de leitura, nesse interim enfatiza que a literatura amazônica, trabalhada pela recepção, pode resistir às lógicas tecnicistas e atuar na construção de identidades locais e na crítica social na educação básica.

Paulo Maués Corrêa elabora um texto a partir de uma comunicação oral apresentada em um evento virtual do CUMA, em janeiro de 2021, como forma de marcar o aniversário do escritor Dalcídio Jurandir e da cidade de Belém, levando também em consideração outro tema relacionado e de extrema relevância para nossa História: a Cabanagem.

O professor **Afonso Medeiros** e a transcrição de sua conferência realizada em 2018 no XIII Seminário do CUMA. De forma brilhante e irreverente, o autor discute desde Aristóteles, passando por Fernando Pessoa e Liev Tolstói, como a arte funciona em sua reorganização criativa. Assim, em uma imbricada rede de conexões, o

conferencionista demonstra como a arte transforma memórias individuais (particulares) em algo universal, resolvendo assim a tensão entre poética e história. O texto afirma que o artista usa diferentes níveis de memória (genética, inconsciente e consciente) para criar obras que emocionam e "contaminam" o público. Longe de padrões dominantes, mas sempre visando uma pluriversalidade, que em suma, através a arte reorganiza memórias e as devolve ao mundo como experiência universal, ligando indivíduo e coletividade.

Renilda Rodrigues Bastos abre a sessão depoimentos. Como boa contadora de histórias, narra os momentos nascedouros do CUMA e o primeiro desafio enfrentado: encontrar um espaço para o grupo, uma sala onde pudessem se reunir e dar seguimento às suas atividades, ela vaga pela memória junta às fundadoras e primeiros membros do CUMA em busca de um lugar para fincar sua bandeira, é um delicioso passeio pela recordação, que faz refletir sobre os desafios de se fazer ciência na Amazônia.

Advaldo Castro Neto ao escrever sobre o CUMA, o faz de um lugar especial, o de filho de sua fundadora, a professora Josebel Akel Fares. Ou como ela prefere, Bel Fares, conhecida carinhosamente como a mãetinta mor de uma geração profícua que estuda as memórias e culturas amazônicas. O autor assim discorre mencionando diversos nomes daqueles que compõem a família CUMA e tantos aprendizados e companheirismo afetuoso acadêmico.

João Colares da Mota Neto escreve uma carta em comemoração dos 21 anos do CUMA, e, assim manifesta seu carinho e admiração pelo Núcleo de Pesquisa e destaca a importância do CUMA para as artes e para a ciência na Amazônia e no Brasil. A ressaltar suas descobertas acadêmicas junto ao CUMA, descreve ele, características que são caras e inerentes ao Núcleo de Pesquisa: "dá pra viver a universidade sem o pedantismo costumeiro. Dá pra construir conhecimento com afeto, alegria e generosidade".

Tereza Cristina Vasconcelos de Souza ao relembrar seu encontro com o Núcleo de Pesquisa Memórias e Culturas da Amazônia – CUMA, destaca que este fora como uma verdadeira volta ao passado estudantil, retomando sua caminhada acadêmica aos quase 60 anos, ao iniciar o mestrado em educação na Universidade do Estado Pará, retomada afetivamente ligada ao nome da professora Bel fares companheira de anos de militância política, desde os tempos de luta contra a ditadura militar, como as empreitadas em prol de melhorias da educação e do acesso a um ensino público de qualidade, sempre sustentando o sonho de uma sociedade igualitária, democrática e fraterna.

Helena Ferreira Rebelo e Sheyla Campos Almeida apresentam um relato sobre a vivência no Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA), destacando experiências de acolhimento, construção coletiva e celebração da cultura amazônica. A narrativa descreve as dinâmicas de convivência, as reuniões interdisciplinares e a participação no XX Seminário do CUMA como momentos fundamentais para a compreensão do pertencimento e da memória coletiva.

Naira Kamekran e Roberta Isabelle Bonfim Pantoja em seu texto depoimento ressaltam a importância do CUMA pelo que mais se preza nesta família acadêmica: ser um espaço dentro da universidade em que se possa viver o acolhimento, o sensível, a multidisciplinaridade interligados e assegurados pelo rigor cientifico, sem nunca perder de vista o lugar do afeto. Movências em que a única urgência que se prioriza é a de alinhar as agendas de seus integrantes e assegurar que construam seu espaço da graduação dentro do CUMA, como partilha e produção de conhecimento.

E finalizamos este número especial da Sentidos da Cultura com o professor **Fernando Farias** em seu texto plural traduzido por imagens e memórias de um viver-saber no CUMA, destacando que "não temos somente uma formação acadêmica. Ali temos uma formação para a vida. Talvez tenha mudado as relações, a produção de conhecimento no CCSE, é bem verdade. Mas o nosso saber-fazer/saber-pensar no CUMA segue exatamente com o mesmo *ethos*." Demonstra em palavras a construção de um legado humanizador, valioso ao expressar o valor em vias de mão dupla: pesquisador e pesquisado em modo afetivo e pleno do conhecimento acadêmico.

Boa leitura a todos!

Editores: Mailson Soares e Dia Favacho